

INFORME RURAL ETENE

ANO 1, Nº 11 – NOV/2007

AGRICULTURA ORGÂNICA: EVOLUÇÃO E DESAFIOS

Arthur Yamamoto

Engenheiro Agrônomo, Mestre em Sociologia, Pesquisador do ETENE

Fone: (85)3299-3461

Fax: (85)3299-3474

arthury@bnb.gov.br

A agricultura orgânica, ou agroecológica¹, vem ocupando cada vez mais espaço nos campos agrícolas, e seus produtos estão aparecendo com maior frequência nas prateleiras dos supermercados e feiras das cidades brasileiras, assim como nos containeres para exportação.

Com uma pauta diversificada de produtos, a agricultura orgânica se consolida como um dos mais promissores ramos de atividade do setor primário, superando os preconceitos e resistências que marcaram os empreendimentos pioneiros da década de 1980, vistos à época como algo de menor importância e limitados a pequenos círculos de idealistas.

Apura-se um crescimento da produção e comercialização de alimentos produzidos organicamente da ordem de 20% a 50% ao ano no Brasil, suplantando o já elevado ritmo de crescimento em nível mundial.

Segundo o relatório da IFOAM (*International Federation of Organic Agriculture Movements*)², informações coletadas entre 2003 e 2006 indicam que 120 países possuem áreas significativas com produção orgânica de alimentos, somando 31 milhões de hectares manejados por 623.174 produtores espalhados por todos os continentes. Considerando as pastagens nativas a área chega a 51 milhões de hectares, destacando-se Austrália (12,1 milhões de hectares), China (3,5 milhões de hectares) e a Argentina (2,8 milhões de hectares) como os mais representativos, com predomínio da produção pecuária orgânica. Nesse ranking, o Brasil ocupa a sexta colocação com 887.637 hectares, mas sobe para o segundo lugar ao se incluírem os 5,7 milhões de hectares da Região Amazônica, recentemente reconhecidos como áreas de extrativismo sustentável.

¹ Em consonância com a conceituação de Lima (LIMA, Pedro Jorge B. F. e SOUZA, Maria Célia M. *Produção Brasileira de Algodão Orgânico e Agroecológico em 2006*. Mimeo, 2006), denomina-se agricultura orgânica aquela que recebe certificação de entidade credenciada, enquanto a agricultura agroecológica atende a todos os requisitos da primeira, mas não é certificada devido aos custos elevados ou porque o comprador dispensa certificação. Agricultura natural, biodinâmica, ecológica e permacultura são outras denominações que, para efeitos deste informe, são consideradas como agricultura orgânica.

² WILLER, Helga e YUSSEFI, Minou. *The World of Organic Agriculture. Statistics and Emerging Trends 2006*. International Federation of Organic Agriculture Movements (IFOAM), Bonn Germany & Research Institute of Organic Agriculture FiBL, Frick, Switzerland, 2006.

(*)Coordenadora da COERG: Maria Odete Alves

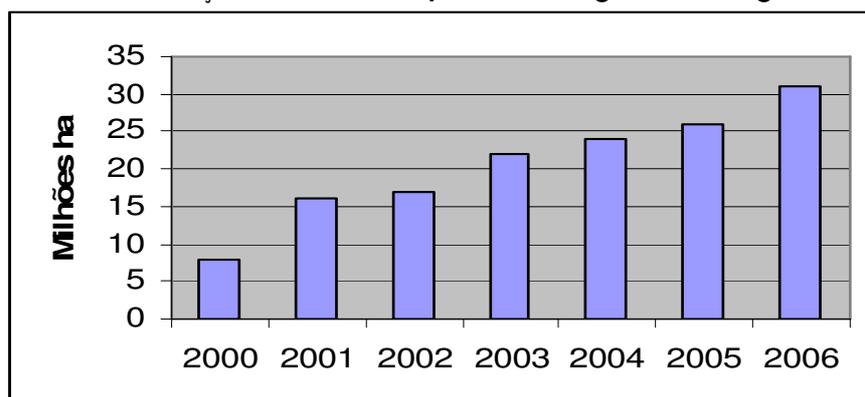
TABELA 1. Principais países com produção orgânica

PAÍS	ÁREA (HA) *
Austrália	12.126.633
China	3.466.570
Argentina	2.800.000
Itália	934.361
USA	889.048
Brasil	887.637
Alemanha	767.891
Uruguai	759.000
Espanha	733.182
Reino Unido	690.270

* Inclui área em conversão e exclui as áreas de extrativismo da Amazônia
Adaptado de WILLER e YUSSEFI (2006).

O gráfico 1 revela a evolução da agricultura orgânica no mundo entre 2000 e 2006, excluindo-se as áreas de extrativismo e pastagem, variando de aproximadamente 8 milhões de hectares para 31 milhões de hectares - quase 300% de crescimento em 7 anos.

Gráfico 1: Evolução da Área Ocupada com Agricultura Orgânica no Mundo



Adaptado de WILLER e YUSSEFI (2006).

Mercado mundial de produtos orgânicos

Em 2004, as vendas mundiais de alimentos e bebidas orgânicas atingiram a expressiva cifra de 27,8 bilhões de dólares - 9% superior ao observado em 2003.

O que mais chama a atenção é o ritmo vigoroso de ampliação desse mercado, impulsionado de um lado pela demanda daqueles consumidores mais preocupados com a qualidade de sua alimentação, com sua saúde e com as questões ambientais e sociais inerentes à produção agropecuária³, e de outro lado, pela melhor remuneração auferida pelos produtores - os produtos orgânicos chegam a valer de 30 a 300% mais que os

³ O mal da vaca louca, a gripe aviária, a febre aftosa, as incertezas a respeito dos alimentos transgênicos, o aquecimento global contribuíram para que o consumidor passasse a se preocupar ainda mais com a origem dos produtos que consome.

convencionais. Em 2007, estima-se que as vendas totais chegarão a 40 bilhões de dólares - 44% a mais que em relação a 2004, com crescimento médio anual de 13%.

América do Norte

A América do Norte desponta como a região onde o mercado de orgânicos cresce mais rapidamente no mundo. As vendas aumentaram 14% em 2004, atingindo 13 bilhões de dólares. Os EUA são os maiores consumidores mundiais de produtos orgânicos, com volume total avaliado em 12,2 bilhões de dólares. Tão grande é a demanda de produtos orgânicos naquele país que empresas processadoras estão continuamente lançando linhas de produtos populares, tais como pizza, hot dog, manteiga de amendoim e outros, amplamente disponíveis nas lojas especializadas. Mesmo as grandes redes de supermercados, como a Wal-Mart, reconhecida por sua linha de produtos de baixo custo, aderiram aos produtos orgânicos.

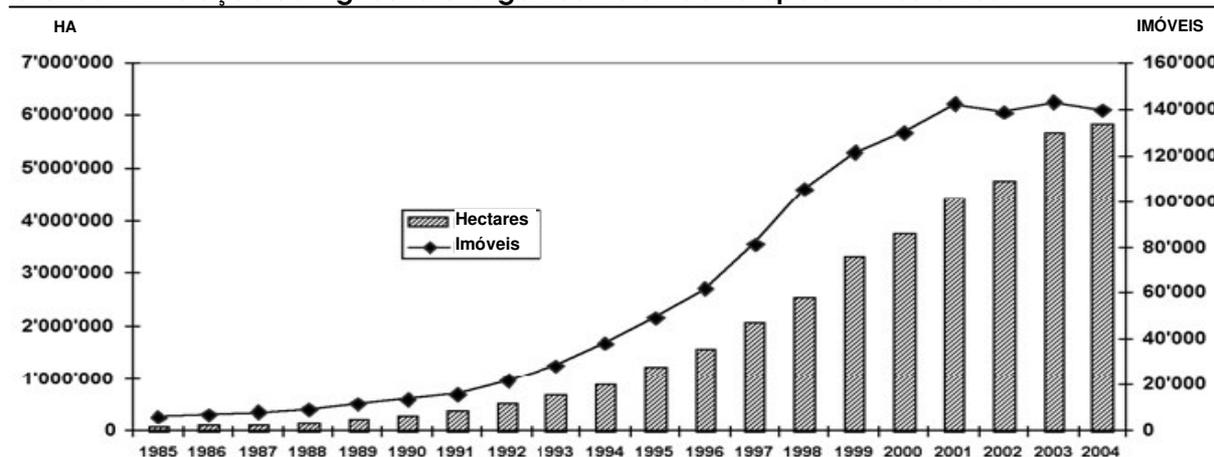
Para atendimento dessa crescente demanda, o fluxo de importações se intensifica, incluindo sementes e grãos da Europa e da Ásia, ervas e molhos da América Latina e da Ásia, carne orgânica da Austrália e da América Latina e leite orgânico da Nova Zelândia.

União Européia

Na União Européia, segundo maior consumidor mundial de orgânicos, as vendas atingiram 13,7 bilhões de dólares em 2004, com incremento de 5% em relação ao ano anterior.

As vendas de orgânicos na Alemanha cresceram 12% (4,2 bilhões de dólares), com expressivo aumento de vendas em redes de supermercados convencionais, ao lado da abertura de 40 novos supermercados especializados.

Gráfico 2: Evolução da Agricultura Orgânica na União Européia – 1985 a 2004



Adaptado de WILLER e YUSSEFI (2006).

No Reino Unido, o aumento das vendas foi de 10% (1,9 bilhões de dólares), posicionando-o como o terceiro maior mercado de orgânicos do mundo, com notável expansão nos setores de frutas e vegetais, carnes e laticínios, comercializados predominantemente por canais fora dos supermercados, tais como lojas de alimentos, boxes, e mercados de produtores.

Ásia

Apesar de concentrar 60% da população mundial, o mercado de orgânicos na Ásia não passou de 750 milhões de dólares em 2004, sendo o Japão o maior mercado regional, com crescimento de 30% ao ano, e cujas vendas de produtos certificados em conformidade com os requisitos da *Japan Agricultural Standards* (JAS) chegaram a 400 milhões de dólares naquele ano. Se consideradas as vendas de produtos não certificados, tais como as estabelecidas diretamente entre produtor e consumidor, essas cifras seriam muito mais elevadas (estima-se em US\$2 bilhões), mas de difícil apuração. Frutas, vegetais, arroz e chá são em sua maioria produzidos internamente, enquanto que os demais produtos, especialmente os alimentos processados, são importados da Austrália, EUA e Alemanha, principalmente. O Japão aparece ainda como um grande comprador de café orgânico, sendo um importante parceiro do Brasil nesse segmento.

Agricultura orgânica no Brasil

As informações referentes à produção orgânica no Brasil são ainda muito difíceis de serem obtidas com precisão, visto que as principais fontes são as entidades certificadoras⁴, e muitos empreendimentos não são certificados. Não há uma padronização nas denominações adotadas e os órgãos públicos só muito recentemente estão se ocupando de acompanhar de forma mais dirigida o setor orgânico / agroecológico. As informações referentes ao ano de 2005 apontavam a existência de 800.000 hectares⁵ em produção orgânica, assim distribuídos por região:

Tabela 2. Área e Produtores de Agricultura Orgânica no Brasil por Região Geográfica

REGIÃO	ÁREA (HA)	%	PRODUTORES	%
TOTAL	800.000	100	15.000	100
Sul	120.000	15	10.200	68
Sudeste	80.000	10	1.500	10
Nordeste	72.000	9	1.950	13
Centro-Oeste	520.000	65	750	5
Norte	8.000	1	600	4

Fonte: MAPA, 2006.

O predomínio da Região Centro-Oeste em relação à área nesse levantamento se deve às grandes extensões ocupadas com pastagem nativa para produção pecuária (“boi verde”) e exploradas com cana-de-açúcar orgânica. Correlacionando a área com o número de

⁴ As certificadoras consultadas pelo MAPA foram: AAOCERT, ABIO, ANC, APAN, Bcs Öko, CMO, Sapucaí, IBD, Imo Control do Brasil, Minas Orgânica, OIA Brasil, Tec Par Cert, Skal International do Brasil, além das entidades oficiais, como Emater (PR e DF) e Comissões Estaduais de Agricultura Orgânica. O IFOAM identificou 12 certificadoras nacionais e 9 internacionais atuando no Brasil.

⁵ Esses números constam do documento disponível no site do Ministério de Agricultura, Pecuária e Abastecimento, e divergem dos dados apresentados na Tabela 1, baseados no relatório do IFOAM, provavelmente devido às fontes utilizadas pelos autores.

produtores orgânicos verifica-se que as maiores médias de área por produtor ocorrem naquela região (693 hectares), confirmando a predominância de sistemas mais extensivos. Nas regiões Sul e Sudeste, representando 78% de todos os produtores orgânicos do Brasil, predominam os pequenos produtores (17 hectares por produtor, em média), com aproveitamento mais intensivo da terra.

Na Região Nordeste, os quase dois mil produtores orgânicos estão estabelecidos em 72 mil hectares (36 hectares por produtor, em média), indicando o estabelecimento de atividades em variados graus de intensidade de exploração (fruticultura, cajucultura, cafeicultura, apicultura, pecuária, horticultura).

Cabe destacar que os dados relativos à Região Norte constantes nesse levantamento não levam em consideração os 5,7 milhões de hectares de áreas de extrativismo sustentável.

Novas estimativas do Ministério de Agricultura, Pecuária e Abastecimento⁶ indicam que o número de produtores orgânicos no Brasil já se aproxima de 20 mil, sendo 90% da agricultura familiar, com produção de 300 mil toneladas anuais, dentre os quais se destacam:

Frutíferas: goiaba, mamão, manga, maracujá, banana, uva, morango e citrus;

Olerícolas: alface, couve, tomate, cenoura, agrião, berinjela

Culturas: arroz, soja, milho, trigo, mandioca, café, cacau e cana-de-açúcar;

Produção Animal: carne (bovino e suínos), aves, leite, ovos, peixes e mel;

Extrativismo: palmito, castanha do pará, castanha de cajú, açai e babaçu.

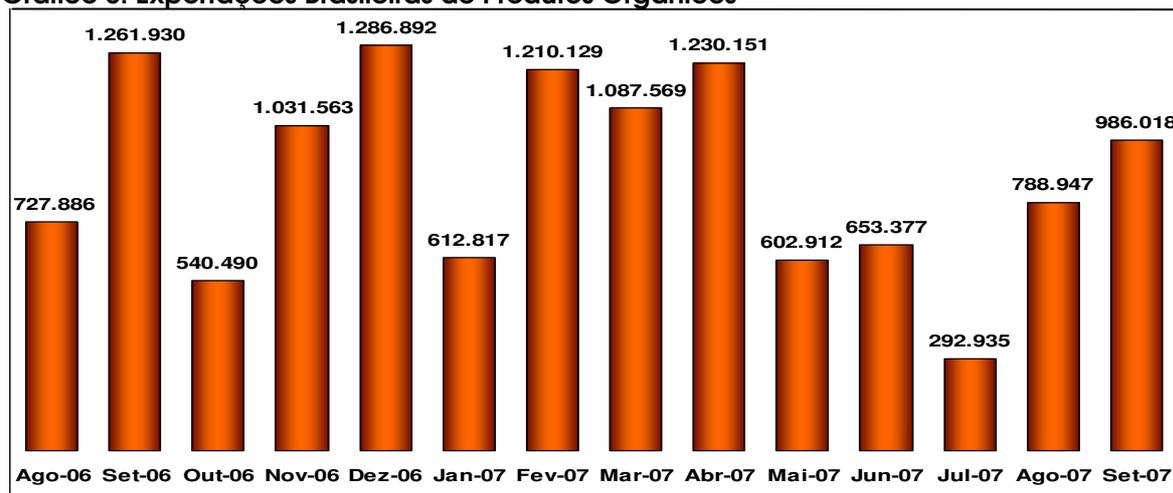
Segundo WILLER e YUSSEFI (2006), US\$ 200 milhões correspondem ao valor comercializado em 2003 de produtos orgânicos certificados, dos quais aproximadamente 70% foram destinados ao mercado externo. Presume-se que o mercado brasileiro seria ainda mais expressivo se considerada a comercialização dos produtos não certificados (agroecológicos). Estima-se que esse mercado interno de produtos orgânicos se configura como o maior da América Latina, ao lado da Argentina, sendo que 45% das vendas ocorrem através de supermercados, 26% através de feiras livres e 16% via lojas especializadas⁷, concentrados predominantemente nas regiões Sul e Sudeste.

Quanto às exportações, a Secretaria de Comércio Exterior (SECEX), do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, começou a registrar, a partir de agosto de 2006, especificamente os produtos exportados com a denominação "orgânico", permitindo verificar as variações mensais das vendas externas, conforme mostrado no Gráfico 3.

⁶ Anunciadas no evento Nordeste e Cerrado: *Mercados para Produtos Orgânicos e Agroecológicos – A Participação da Agricultura Familiar em Feiras Nacionais e Internacionais*, realizado em Fortaleza, em agosto de 2007.

⁷ O relatório IFOAM não informa sobre os 13% restantes, mas supõe-se que se referem ao volume comercializado através de venda direta produtor-consumidor (cestas a domicílio) e destinados a processadoras.

Gráfico 3: Exportações Brasileiras de Produtos Orgânicos



Fonte: MDIC/SECEX

Em um ano, até o mês de setembro de 2007, foram contabilizados pela SECEX 5,55 milhões de dólares decorrentes da exportação de 9,5 toneladas de produtos orgânicos, sendo que dois terços dessas exportações correspondem a "açúcar orgânico", produzido e comercializado por grandes empreendimentos empresariais. Fica evidente que, apesar da base produtiva de produtos orgânicos ser constituída eminentemente por agricultores familiares, o setor agroindustrial mais capitalizado já percebeu a importância desse mercado.

Isso não significa, no entanto, que os produtos de origem familiar sejam menos representativos no comércio internacional, pois há um grande volume de vendas ainda não captado pelo Ministério de Desenvolvimento, Indústria e Comércio.

As exportações foram realizadas por 23 empresas, dentre as quais quatro estão localizadas no Nordeste (Barry Callebaut Brasil S.A e Cooperativa dos Produtores Orgânicos do Sul da Bahia, Ilhéus, BA; Agrodan Agropecuária Roriz Dantas Ltda., Belém de S. Francisco, PE; Ecobrás Exportação e Importação Ltda., Maxaranguape, RN).

As exportações foram direcionadas a todos os continentes, com exceção do continente africano. Dentre os vinte e um países de destino, destacam-se aqueles pertencentes à União Européia como os principais compradores, totalizando 57,8% do valor das exportações, seguidos pelos Estados Unidos, com 20,9%.

Tabela 3: Países de Destino das Exportações Brasileiras de Orgânicos

País de Destino	Kg	US\$	
		Valor	Part. %
Total	21.849.208	12.313.617	100,0
Holanda	6.671.590	3.528.664	28,7
Estados Unidos	5.111.384	2.577.435	20,9
França	2.434.584	1.127.574	9,2
Suécia	1.748.530	854.633	6,9
Alemanha	1.502.000	724.390	5,9
Dinamarca	1.400.000	695.400	5,6
Canadá	341.500	644.751	5,2
Reino Unido	879.502	611.643	5,0
Japão	193.665	568.450	4,6
Tailândia	312.000	181.200	1,5
Israel	322.117	166.026	1,3
Itália	201.600	159.611	1,3
Noruega	220.000	143.813	1,2
Outros *	510.736	330.025	2,7

(*) Equador, Coréia do Sul, Nova Zelândia, Austrália, Polônia, China, Hong Kong e Suíça.

Fonte: MDIC/SECEX

A agricultura orgânica no Nordeste

As informações referentes à produção orgânica para a Região Nordeste são ainda mais precárias do que aquelas disponíveis para o Brasil.

No caso do Ceará, a Secretaria de Desenvolvimento Agrário do Estado realiza sistematicamente um acompanhamento do setor, oferecendo um panorama bem detalhado da realidade da agricultura orgânica do Estado (Quadro 2).

Agregando essas informações às obtidas em consulta na Internet⁸, são identificados 57 empreendimentos na Região Nordeste, dos mais variados perfis, incluindo unidades empresariais isoladas, cooperativas de produtores familiares assentados, redes de associações, e produtores institucionais, com uma pauta bastante diversificada de produção. (Alagoas 3, Bahia 14, Ceará 22, Maranhão 2, Paraíba 2, Pernambuco 7, Piauí 2, Rio Grande do Norte 2 e Sergipe 3). Na medida em que a maioria dos empreendimentos é de caráter coletivo (associações, cooperativas ou grupos organizados), o número de produtores orgânicos é obviamente bem mais amplo.

⁸ www.sustentavel.inf.br/sispub, www.planetaorganico.com.br e www.nordestecerrado.com.br. O projeto denominado II Sala Nordeste & Cerrado, promovida pela GTZ (Agência Alemã de Cooperação Técnica), DED (Serviço Alemão de Cooperação Técnica e Social), Fundação Konrad Adenauer, ISPN (Instituto Sociedade, População e Natureza), MDA (Ministério de Desenvolvimento Agrário), PDHC (Projeto Dom Hélder Câmara), MIN (Ministério da Integração Nacional) e CODEVASF (Companhia do Desenvolvimento do Vale do São Francisco e do Parnaíba), foi concebido com o propósito de constituir um espaço de articulação com as experiências desenvolvidas no Nordeste e Cerrado, coerentes com o desenvolvimento sustentável, dando-lhes visibilidade.

Quadro 2: Produção orgânica no Estado do Ceará - 2006

PRODUTO	GRUPO/EMPRESA	LOCAL	CERTIFICADORA	PRODUÇÃO
Banana	AFMI (*)	Itapajé	Em certificação	1.000 t
Hortaliças	APOI	São Benedito	Cert. Novo Encanto	293,44t
Hortaliças	ADAO	Guaraciaba do Norte	Certificação associativa	252,66t
Hortaliças	Sítio Carnaúbas(**)	Juazeiro do Norte e Caririçu	Sem certificação	52,73 t
Castanha de Caju	Cascaju Agroindustrial	Cascavel, Icapuí, N. Russas, Aracati	IBD	4.000 t de matéria prima
Café	COMCAFE	Pacoti	Em processo de certificação	12.000 sacas (2004)
Acerola e Maracujá	Agroindústria Nutriorgânica	Ubajara	IBD	Acerola - 821,98t Maracujá - polpa: 11,84t
Mel de Abelha	Cearapi	Crato	IBD	Dados não fornecidos
Mel de Abelha	Apischel	Crato	BCS Oeko Garantie	Dados não fornecidos
Algodão	Produtores dos Inhamuns	Tauá/Quixadá/Choró	Não certificado	36 t (algodão em rama) (***) 48 mil unid. flores
Flores Tropicais	Flora Tropical	Baturité e Redenção	Em processo de certificação	145 mil unid. folhagens 60 mil und.flores 180 mil unid. folhagens
Frutas	APOCE	Marco - Perímetro de Irrigação do Baixo Acaraú	EcoCert	Dados não fornecidos
Banana	Sítio Paraíso	Uruburetama	BCS Oeko Garantie	Banana- 1.790 t; Manga - 72t Coco - 459.000 unid.
Geléias	All Nat	Horizonte	EcoCert	Dados não fornecidos
Frutas desidratadas	EMAF	Caucaia	BCS Oeko Garantie	Banana - 0,99 t;(***) Manga- 1,1 t;(***) Abacaxi- 4,75 t; (***)
Cachaça(Cana-de-açúcar)	Ypióca Agroindustrial	Pindoretama e Aquiraz	IBD	8.000 t (cana-de-açúcar)

Fonte: Núcleo de Agricultura Orgânica e Agroecologia-SDA/Ematerce, Empresas, Associações de Produtores, Abril, 2007, Fortaleza-CE (por e-mail, 2007)

(*) Resultado da produção de 26 associados

(**) Resultado da produção de 10 famílias + 1 produtor de Caririçu(agricultores familiares, em 2,0 ha)

(***) Dados extraídos do documento "Produção Brasileira de Algodão Orgânico e Agroecológico em 2006", de Pedro Jorge Lima e Maria Célia Martins de Souza. Mimeo, 2006.

(****) Produto final desidratado(liofilizado)

A diversidade de perfis dos empreendimentos orgânicos atuantes no Nordeste implica também em variadas formas de comercialização. Enquanto volumes significativos de castanha de caju, café, cacau, algodão, polpas de frutas e sucos são destinados ao mercado externo, as hortaliças, laticínios e frutas *in natura* são predominantemente comercializados no mercado regional.

Boa parte das exportações se dá através de canais do Mercado Justo (*fair trade*), no qual parceiros internacionais compram a produção de determinado grupo de produtores, com diferencial de preço (“preço justo”), mediante comprovação de que se trata de produto orgânico obtido sem exploração de trabalho infantil, e que a renda está sendo revertida em benefício da comunidade de origem, dentre outros requisitos. Café e cacau orgânicos são notórios representantes dessa modalidade de negócio.

No mercado local, predominam as vendas em feiras orgânicas e lojas especializadas, com destaque para Pernambuco, onde dois espaços agroecológicos e vinte e três feiras agroecológicas espalhadas pela capital e interior, além da Central de Comercialização da Agricultura Familiar (CECAF) se consolidam e se constituem em referência regional na venda de produtos orgânicos. Natal, Maceió, João Pessoa e Aracaju também contam com suas feiras orgânicas⁹.

Sistemas de venda direta ao consumidor (entrega de cestas em domicílio, por exemplo) e através de redes de supermercados são recorrentes. No Ceará, as duas principais associações de produção de hortaliças existentes se diferenciam exatamente pelos canais de comercialização adotados. A ADAO (Associação para o Desenvolvimento da Agropecuária Orgânica) congrega 400 consumidores e 8 produtores, em que tudo o que se produz é custeado pelos consumidores, que têm semanalmente acesso aos produtos na proporção do montante desembolsado por cada um. As contribuições cobrem os custos de produção, incluindo a remuneração dos produtores, do transporte e da administração da associação. Para os produtores da ADAO, o mercado é praticamente estável, com remuneração mensal garantida. Já a APOI (Associação dos Produtores Orgânicos da Ibiapaba) congrega 12 produtores e a produção é inteiramente destinada à rede de supermercados Pão de Açúcar, através de um intermediário. Apesar de o mercado ser igualmente garantido, os produtores da APOI sofrem com as flutuações e reduções de preço impostas pelo supermercado, além de terem que arcar com os custos da intermediação e da certificação, exigida pelo Pão de Açúcar¹⁰.

Apoio do BNB à agricultura orgânica

O apoio do BNB ao desenvolvimento da agricultura orgânica vem se dando de forma consistente e continuada desde meados da década passada, através da participação direta da instituição em iniciativas de divulgação e fortalecimento do tema em sua área de atuação, patrocinando e colaborando na realização de eventos e publicações, e

⁹ Fonte: <http://www.docelimao.com.br/feiras-organicas.htm>. Acesso em 22 de novembro de 2007.

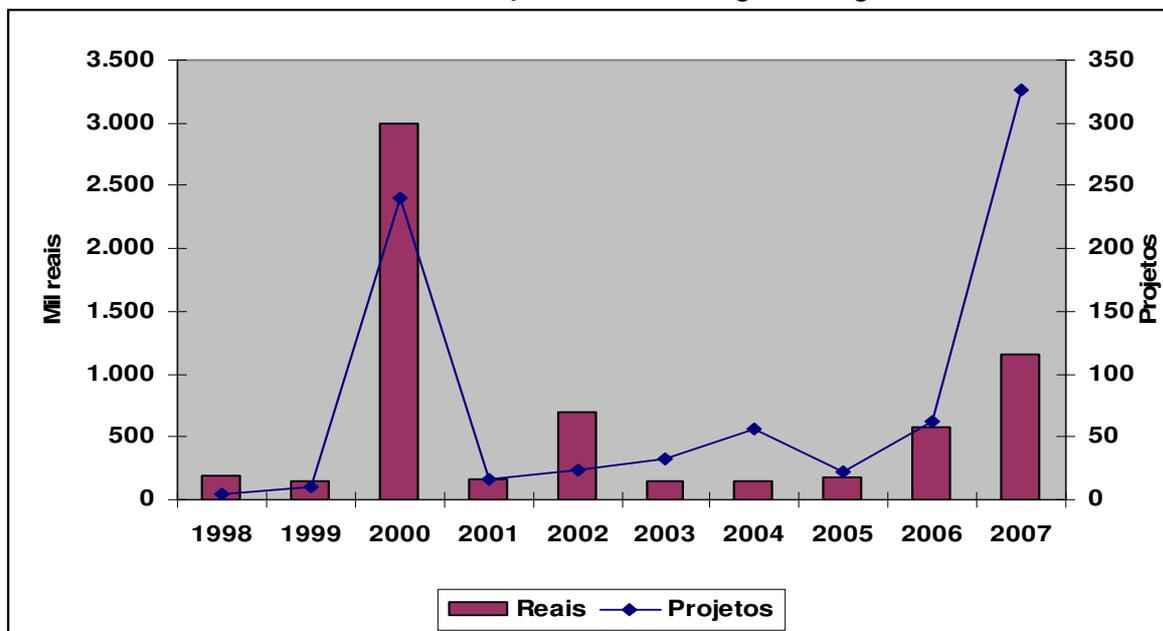
¹⁰ No caso da ADAO, inicialmente certificada pelo IBD, adotam-se os princípios da certificação participativa, ou seja, representantes dos associados consumidores realizam visitas periódicas aos produtores e verificam as técnicas de produção utilizadas, bem como as condições de vida das famílias, reforçando os laços de confiança.

contribuindo para a formação de técnicos e agentes sociais. Estas ações estão conformadas dentro do Programa de Desenvolvimento da Agropecuária Orgânica, concebido como uma das ações de desenvolvimento estabelecidas pelo Banco.

De forma mais evidente, cabe destacar o apoio direto do BNB a projetos de pesquisa e difusão tecnológica. Através do FUNDECI, de 1997 a 2007, foram aplicados 2,281 milhões de reais (valores atualizados pelo IGP-M (FGV)) em projetos de pesquisa e difusão tecnológica, contemplando todos os estados, com destaque para Ceará (493 mil reais) e Pernambuco (425 mil reais), boa parte voltados para o desenvolvimento da fruticultura orgânica. Nesse montante também estão considerados recursos destinados à formação de Fundos Rotativos Solidários de Apoio a Agricultura Familiar Agroecológica, fundamentais para a viabilização de vários empreendimentos associativos de caráter solidário e agroecológico.

Para o financiamento de empreendimentos produtivos, o montante de recursos emprestados pelo BNB (através do Programa de Combate à Pobreza Rural, e FNE Pronaf Grupos "B", "C", "D", Pronaf Mulher, STN Grupo "B" 2ª. Etapa e FNE Rural) aos clientes com atividades consideradas agroecológicas (incluindo Agricultura Biodinâmica, Agricultura Natural, Agricultura Biológica, Alimentos Naturais com Práticas Ecológicas, Plantas Aromáticas e Medicinais e Produção de Plantas Nativas) apurado desde 1998 até outubro de 2007 soma 6,39 milhões de reais (atualizados pelo IGP-M (FGV)), atendendo a 778 projetos, conforme ilustrado no Gráfico 4.

Gráfico 4. Financiamentos do BNB a Empreendimentos Agroecológicos



Fonte: BNB

O grande volume de recursos aplicados no ano de 2000 resulta do esforço empreendido pelas agências do BNB quando do lançamento do Programa de Desenvolvimento da

Agropecuária Orgânica. Percebe-se ainda uma significativa tendência de crescimento dos financiamentos a projetos agroecológicos em 2006 e 2007.

Dados relativos ao FNE-Verde voltados em sua maioria a projetos de produção agroecológica e florestal - apurados entre 2006 e setembro de 2007 - são igualmente expressivos, com aporte de 68,7 milhões de reais aplicados em 180 projetos.

Dificuldades para a expansão da agricultura orgânica

Tem-se verificado nos anos recentes uma notável dedicação de recursos e esforços por parte das instituições públicas e privadas do Brasil (com destaque para a EMBRAPA, o Ministério de Desenvolvimento Agrário, o Ministério de Agricultura, Pecuária e Abastecimento e o SEBRAE) em apoio ao desenvolvimento da agricultura orgânica no País. Entretanto, apesar do grande potencial existente para a produção e colocação dos produtos orgânicos no mercado nacional e internacional, algumas dificuldades específicas precisam ser superadas para que o Brasil ocupe um lugar mais expressivo nesse campo.

A certificação é um desses problemas. À exceção dos empreendimentos agroecológicos, que se valem da certificação participativa ou cujos compradores dispensam a certificação formal, os produtores não certificados ficam sujeitos a vender sua produção a preços de produtos convencionais, sem margem para cobrir seus custos, e com reduzidas chances de permanecerem no mercado. No caso do mercado externo, a negociação praticamente se inviabiliza. Para obtenção da certificação, os custos variam de mil a três mil reais para produtores organizados em associações, dependendo da disposição geográfica das propriedades e da complexidade dos sistemas produtivos adotados. Para um produtor isolado, esses custos podem chegar a oito mil reais.¹¹

A Lei 10.831 de 23 de dezembro de 2003, fruto de intensos debates e reivindicação das organizações sociais, certificadoras e associações de produtores orgânicos, é o principal marco legal da agricultura orgânica brasileira. A lei, entretanto, permanece aguardando regulamentação, cercada de grande expectativa, especialmente no tocante às regras para certificação. Na Europa, por exemplo, de 1992, quando se estabeleceu legislação específica para o assunto, até 2001 o número de produtores orgânicos saltou de 450 mil para 4,5 milhões¹². A questão é complexa e controvertida, pois o processo de certificação costuma custar caro para os padrões de renda do agricultor familiar brasileiro. Ou seja, a certificação pode ampliar o universo de produtores orgânicos, porém de forma excludente em relação ao perfil de renda, privilegiando os mais capitalizados.

¹¹ O SEBRAE está apoiando fortemente a certificação de produtores orgânicos organizados em associações, mediante contratação do IBD em parceria com prefeituras, Secretarias Estaduais - e o BNB, em algumas localidades - sendo cobrados 10% dos custos da certificação aos produtores.

¹² Fundação Konrad Adenauer. *Agricultura Familiar, Agroecologia e Mercado no Norte e Nordeste do Brasil*. 2004. Download a partir de <http://www.sustentavel.inf.br/sispub/ver/1281/galeria/102/foto/1026>

Apesar da expansão vigorosa da agricultura orgânica no Brasil, há ainda uma grande lacuna no que se refere à formação técnica de profissionais especializados. Os currículos dos cursos das Ciências Agrárias, com raras exceções, não formam profissionais habilitados a prestar assessoria aos agricultores interessados em desenvolver a agricultura orgânica. Essa lacuna tem sido suprida majoritariamente pelas ONGs e consultorias, ainda em número muito tímido face às necessidades e potencialidades.

A organização dos produtores e consumidores é outro sério fator limitante, especialmente em se tratando da comercialização de produtos perecíveis, como os hortifrutigranjeiros, notadamente produzidos pela agricultura familiar. A escala reduzida de produção, a dispersão geográfica dos produtores, os elevados riscos inerentes ao processo produtivo (pela impossibilidade de utilização de produtos químicos no caso de surto de pragas e doenças, por exemplo), e a necessidade de colocação do produto de forma diferenciada no mercado requerem um poder de organização dos produtores ainda maior do que se fossem produtores convencionais.

Pelo lado do consumidor, o acesso aos produtos orgânicos se dá predominantemente pelas vias consagradas pelo mercado convencional – supermercados e feiras. Grupos de compras ou de apoio direto ao produtor, a exemplo da ADAO, do Ceará, são ainda experiências raras. Mas independente do modelo de comercialização, o perfil desses consumidores é de renda elevada – trata-se ainda de um mercado de elite. Tornar o produto orgânico acessível aos consumidores de classes de renda C e D sem prejuízo à remuneração do produtor consiste, portanto, um dos maiores desafios para o desenvolvimento da agricultura orgânica.

Para consulta aos demais números do Informe Rural ETENE, clique sobre o título desejado pressionando CTRL:

Ano 1 Nº1 Jan 2007 – Cadeia produtiva da soja ensaia recuperação em 2007:
http://d001www06/cenetene/projconjecon/conteudo/abreDocs.asp?cd_doc=146

Ano 1 Nº2 Fev 2007 – Mercado de carne bovina (1) – cenário mundial:
http://d001www06/cenetene/projconjecon/conteudo/abreDocs.asp?cd_doc=147

Ano 1 Nº3 Mar 2007 – Cenário para a agroindústria brasileira de frutas:
http://d001www06/cenetene/projconjecon/conteudo/abreDocs.asp?cd_doc=382

Ano 1 Nº4 Abr 2007 – Mercado de derivados de cana-de-açúcar (1) – álcool:
http://d001www06/cenetene/projconjecon/conteudo/abreDocs.asp?cd_doc=438

Ano 1 Nº5 Maio 2007 – O mercado de derivados de cana-de-açúcar (2) – cachaça
http://d001www06/cenetene/projconjecon/conteudo/abreDocs.asp?cd_doc=595

Ano 1 Nº6 Jun 2007 – Desempenho e perspectivas da avicultura industrial
http://d001www06/cenetene/projconjecon/conteudo/abreDocs.asp?cd_doc=599

Ano 1 Nº7 Jul 2007 – Condição atual e perspectivas da carcinicultura nordestina
http://d001www06/cenetene/projconjecon/conteudo/abreDocs.asp?cd_doc=654

Ano 1 Nº8 Ago 2007 – Balanço e prognóstico de safras
http://d001www06/cenetene/projconjecon/conteudo/abreDocs.asp?cd_doc=655

Ano 1 Nº9 Set 2007 – Considerações sobre a produção de Manga
http://d001www06/cenetene/projconjecon/conteudo/abreDocs.asp?cd_doc=656

Ano 1 Nº10 Out 2007 – Cera de Carnaúba: Produção e Mercado
http://d001www06/cenetene/projconjecon/conteudo/abreDocs.asp?cd_doc=658